

da conversa; e então descubro que eu posso conduzir um diálogo não apenas com os outros, mas também comigo mesmo. No entanto, o ponto em comum é que o diálogo do pensamento só pode ser levado adiante entre amigos, e seu critério básico, sua lei suprema, diz: não se contradiga.

É característico das "pessoas moralmente baixas" estarem "em discordância consigo mesmas" (*diapherontai heautois*), e dos homens maus evitar a própria companhia; sua alma se rebela contra si mesma (*stasiazei*).<sup>140</sup> Que diálogo se pode ter consigo mesmo quando a alma não está em harmonia, mas em guerra consigo mesma? É este o diálogo que se subentende quando Ricardo III, de Shakespeare está só:

What do I fear? Myself? There's none else by:  
Richard loves Richard: that is, I am I.  
Is there a murderer here? No. Yes, I am:  
Then fly: what! from myself? Great reason why:  
Lest I revenge. What! myself upon myself?  
Alack! I love myself. Wherefore? For any good  
That I myself have done unto myself?  
Oh! no: alas! I rather hate myself  
For hateful deeds committed by myself.  
I am a villain. Yet I lie, I am not  
Fool, of thyself speak well: fool, do not flatter. \*

No entanto, as coisas mudam depois de meia-noite e Ricardo escapa da própria companhia para juntar-se a seus pares. Então:

Conscience is but a word that cowards use,  
Devis'd at first to keep the strong in awe. ... \*\*

Até o próprio Sócrates, tão apaixonado pela praça pública, tem que voltar para casa, onde estará só, para encontrar o outro indivíduo.

Chamei a atenção para a passagem do *Hípias Maior*, em sua absoluta simplicidade, porque ela oferece uma metáfora que pode ajudar a simplificar — sob o risco de simplificar em demasia — assuntos difíceis, e que, portanto, sempre correm o risco de serem demasiadamente complicados. Épocas posteriores deram ao sujeito que espera Sócrates em casa o nome de "consciência moral". Perante o tribunal, para adotar a linguagem kantiana, temos que comparecer e explicar-nos. E escolhi a passagem de *Ricardo III* porque Shakespeare, embora use a palavra

\* De que estou com medo? De mim mesmo? Não há mais ninguém aqui:/ Ricardo ama Ricardo: isto é, eu sou eu./ Há um assassino aqui? Não. Sim, eu:/ Então fujamos! Como? De mim mesmo? Boa razão essa:/ Por medo de que me vingue. Como? Eu de mim mesmo? Ora! Eu me amo. Por que? Por algum bem/ Que possa ter feito a mim mesmo?/ Mas não, ai de mim! Eu deveria me odiar/ Pelos atos execráveis cometidos por mim?/ Sou um canalha. Não, minto; eu não sou./ Idiota, falas bem de ti mesmo: idiota, não te adules. (tradução livre, N.T.)

\*\* Consciência é apenas uma palavra que os covardes usam,/ Inventada antes de mais nada para infundir temor nos fortes ... (tradução livre, N.T.)

"consciência moral", não a usa aqui no sentido costumeiro. Muito tempo se passou antes que a língua separasse a palavra "consciência" (*consciousness*) da "consciência moral" (*conscience*); e em algumas línguas, como o francês, essa separação nunca foi feita. A consciência moral, tal como a entendemos em assuntos morais ou legais, está, supostamente, sempre presente em nós, assim como a mera consciência. E essa consciência moral supostamente nos diz o que fazer e do que se arrepender; antes de se tornar o *lumen naturale*, ou a razão prática de Kant, ela era a voz de Deus.

Ao contrário dessa consciência sempre presente, o sujeito de quem Sócrates fala foi deixado em casa; ele o teme, do mesmo modo como os assassinos de *Ricardo III* temem a consciência moral — como algo ausente. Aqui a consciência moral aparece como um re-pensar despertada ou por um crime, no caso do próprio Ricardo, ou por opiniões não submetidas a exame, como no caso de Sócrates. Ela pode também ser o medo antecipado de tais atos de re-pensar, como no caso dos assassinos contratados de Ricardo. Essa consciência moral, diferentemente da voz de Deus dentro de nós ou do *lumen naturale*, não oferece nenhuma prescrição positiva (mesmo o *daimon*, a voz divina ouvida por Sócrates, só lhe diz o que não fazer); nas palavras de Shakespeare, ela "deixa um homem repleto de embaraços". O que faz um homem temê-la é a antecipação da presença de uma testemunha que o aguarda apenas se e quando ele voltar para casa. O assassino de Shakespeare diz: "todo homem que pretende viver bem se esforça por... viver sem ela". Isso é fácil de conseguir, pois tudo o que ele tem a fazer é nunca iniciar o diálogo isolado e silencioso a que chamamos de "pensar", nunca voltar para casa e examinar as coisas. Não se trata aqui de perversidade ou bondade, como também não se trata de inteligência ou estupidez. Uma pessoa que não conhece essa interação silenciosa (na qual examinamos o que dizemos e fazemos) não se importa em contradizer-se, e isso significa que ela jamais quererá ou poderá prestar contas do que faz ou diz; nem se importará em cometer um crime, já que pode estar certa de esquecê-lo no momento seguinte. As pessoas más — não obstante a opinião em contrário de Aristóteles — não são "cheias de remorsos".

O pensamento, em seu sentido não-cognitivo e não-especializado, como uma necessidade natural da vida humana, como a realização da diferença dada na consciência, não é uma prerrogativa de poucos, mas uma faculdade sempre presente em todo mundo; do mesmo modo, a inabilidade de pensar não é uma imperfeição daqueles muitos a quem falta inteligência, mas uma possibilidade sempre presente para todos — incluindo aí os cientistas, os eruditos e outros especialistas em tarefas do espírito. Todos podemos vir a nos esquivar daquela interação conosco mesmos, cuja possibilidade concreta e cuja importância Sócrates foi o primeiro a descobrir. O pensamento acompanha a vida e é ele mesmo a quintessência desmaterializada do estar vivo. E uma vez que a vida é um processo, sua quintessência só pode residir no processo real do pensamento, e não em quaisquer resultados sólidos ou pensamentos específicos. Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência — ela não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos.